

Bibliografia  
Traduções

F. W. J. Schelling, *Aforismos para introdução à filosofia da natureza e Aforismos sobre filosofia da natureza*. Tradução, introdução e notas de Márcia C. F. Gonçalves. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora da Puc/Loyola, 2010.

\_\_\_\_\_. *Ideias para uma filosofia da natureza: prefácio, introdução e aditamento à introdução*. Tradução de Carlos Morujão e José Miranda Justo. Lisboa: Casa da Moeda, 2001.

\_\_\_\_\_. *Obras escolhidas*. Seleção, tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Vida e obra; *Exposição da idéia universal da filosofia em geral e da filosofia-da-natureza como parte integrante da primeira* –apêndice à introdução das *Ideias; Bruno ou do princípio divino e natural das coisas*.)

\_\_\_\_\_. *Clara. Acerca da conexão da natureza com o mundo dos espíritos*. Um diálogo. Tradução de Muriel Maia Flickinger. Edipucrs, 2016.

\_\_\_\_\_. *Ideas for a philosophy of nature: as introduction to the study of this science*. Tradução de Errol E. Harris e Peter Heath. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre filosofia de la naturaleza*. Estudo preliminar, tradução e notas de Arturo Leyte. Madri: Alianza, 1996.

\_\_\_\_\_. *De l'âme du monde, une hypothèse de la physique supérieure pour l'explication de l'organisme général*. Tradução, notas e posfácio de Stéphane Schmidt. Paris : Rue d'Ulm, 2007.

\_\_\_\_\_. *First outline of a system of the philosophy of nature*. Tradução, introdução e notas de Keith R. Peterson. Albany: State of New York Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *Exposition de mon système de la philosophie : Sur le vrai concept de la philosophie de la nature*. Tradução, apresentação e notas de Emmanuel Cattin. Paris : Vrin, 2000.

\_\_\_\_\_. *Introduction à l'esquisse d'un système de la philosophie de la nature*. Tradução, apresentação e notas Franck Fischbach et Emmanuel Renault. Paris : Librairie Général Française, 2001.

Pierre-Louis Moreau de Maupertuis, « Carta XIV. Sobre a Geração dos Animais ». Tradução e notas de Maurício de Carvalho Ramos. In: *Scientiae studia*, 2, 1, jan./mar. 2004, pp. 129-134.

\_\_\_\_\_. *Vênus física*. Tradução e notas de Maurício de Carvalho Ramos. In: *Scientiae studia*, 3, 1, mar. 2005, pp. 103-148.

\_\_\_\_\_. *Sistema da natureza. Ensaio sobre a formação dos corpos organizados*. Tradução de Maurício de Carvalho Ramos. In: *Scientiae studia*, 7, 3, set. 2009, pp. 472-506.

Maurício de Carvalho Ramos, *A geração dos corpos organizados em Maupertuis*. São Paulo: Fapesp/34, 2009.

\_\_\_\_\_. “Geração orgânica, acidente e herança na Carta XIX de Maupertuis”. In: *Scientiae studia*, 2, 1, jan./mar. 2004, pp. 99-128.

\_\_\_\_\_. “A *Vênus física* de Maupertuis: antigas ideias sobre a geração reformadas pelo mecanicismo newtoniano”. In: *Scientiae studia*, 3, 1, jan./mar. 2005, pp. 79-101.

\_\_\_\_\_. “As mônadas físicas como unidades gerativas no *Sistema da natureza* de Maupertuis”. In: *Scientiae studia*, 7, 3, jul./set. 2009, pp. 461-472.

\* \* \*

Immanuel Kant, *Primeiros princípios da ciência da natureza*.

Definição 1.

Matéria é o movível [*das Bewegliche*], na medida em que preenche um espaço. Preencher um espaço significa resistir a todo movível que se esforça por seu movimento para penetrar num espaço. O espaço que não está preenchido, é espaço vazio. (AA 04: 496)

Teorema 1.

A matéria preenche um espaço não por sua mera existência, mas por uma força motriz particular.

Definição 2.

Força de atração é aquela força motriz mediante a qual uma matéria pode ser causa da aproximação de outra em relação a ela (ou, o que é o mesmo, mediante a qual ela resiste ao afastamento de outra em relação a si).

Força de repulsão é aquela mediante a qual uma matéria pode ser a causa para afastar outras de si (ou, o que é o mesmo, mediante a qual ela resiste à aproximação de outras em relação a si).

Também chamamos à primeira força impulsionante, e à segunda, força atraente.

Corolário

Só podem ser pensadas duas forças motrizes da matéria. Pois todo movimento que uma matéria pode imprimir a outra tem de ser considerado como dividido entre dois pontos numa linha reta, já que cada uma delas tem nesse aspecto de ser considerada como um ponto. Nessa linha, porém, só são possíveis dois

movimentos: um, pelo qual os pontos se afastam um do outro; o outro, pelo qual eles se aproximam. A força, porém, que é causa do primeiro movimento, se chama força de repulsão, e a segunda, força de atração. Portanto, apenas essas duas espécies de força a que têm de ser reduzidas a natureza material todas as forças motrizes podem ser pensadas como tais.

Teorema 2.

A matéria preenche seu espaço por força repulsiva de todas as suas partes, isto é, por uma força de expansão que lhe é própria, que tem um determinado grau, acima ou abaixo do qual graus mais altos ou mais baixos ao infinito.

Goethe, *Campanha na França*

Não me havia escapado, da ciência da natureza kantiana, que força de atração e de repulsão fazem parte da essência do material e que nenhuma delas pode ser separada da outra no conceito de matéria; daí surgiu para mim a polaridade originária de todos os seres, que perpassa e vivifica toda a diversidade infinita de todos os seres. [*Campagne in Frankreich*, HA, X, p. 313-314.]

Schelling, *A alma do mundo*.

Assim que a semente se desenvolve, vemos primeiro a planta se expandir em folhas e no caule, e quanto seivas nutritivas mais ricas lhe forem transportadas, tanto mais longamente podem ser mantidas nesse crescimento, e impedir o andamento da natureza, que, se não é impedida, busca incessantemente a individuação finita de todas as seivas nutritivas. Só quando as seivas estão suficientemente espalhadas, vemos a planta *se contrair* [*sich zusammenziehen*] na sépala, para depois de novo se espalhar nas folhas das flores [*Blumenblätter*]. Finalmente a natureza atinge a máxima individuação possível *num único* indivíduo vegetal mediante a formação de partes sexuais opostas. Pois com o último estágio, que a natureza atinge finalmente no fruto e na semente mais uma vez pela alternância de expansão e contração, está já posto o fundamento de um *novo* indivíduo, no qual a natureza repete desde o início a sua obra. “Assim ela perfaz, em contínua alternância de expansão e contração, a eterna obra da reprodução por dois sexos” (J. W. von Goethe, Ensaio para explicar a metamorfose das plantas, 1790).  
Schelling, *Weltseele*, II, 533.

Treviranus, *Biologie oder Philosophie der lebenden Natur*.

A matéria viva tem de ser informe [*formlos*] em si mesma, e ser capaz de aceitar toda forma de vida. Ela tem de ganhar uma forma determinada

somente pelo vínculo com os materiais [*Stoffe*] da natureza morta, e essa forma tem de ser diferente segundo a diferença desses materiais. (*Biologie*, vol. 1, 1802, p. 98).